



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

CHRISTIANNE LUCE GOMES

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-609

Entrevistada: Christianne Luce Gomes

Nascimento: não informada

Local da entrevista: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional –
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte

Entrevistadoras: Luiza Aguiar dos Anjos e Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 23/10/2015

Transcrição: Juliana Prado Cros

Copidesque: Pamela Siqueira Joras

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 38 minutos e 06 segundos

Páginas Digitadas: 11 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação acadêmica; Trajetória na nos Estudos de Lazer; Inserção no Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC); Função dentro do PELC; Parceria entre Ministério do Esporte e Universidade Federal de Minas Geais (UFMG); Integrante da equipe gestora do PELC na UFMG; Projetos trabalhados no PELC; Como o PELC trabalha com o Ministério Público e com as comunidades; Programa Vida Saudável; Conteúdos trabalhados no Vida Saudável; Principais desafios para a formação e agentes sociais; Políticas Públicas de esporte e lazer; Contribuições do PELC/Vida Saudável.

Porto Alegre, 23 de outubro de 2015. Entrevista com Christianne Luce Gomes a cargo das pesquisadoras Luiza Aguiar dos Anjos e Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.A. – Christianne, obrigada por ceder seu tempo para conversar com a gente. Queria que você começasse falando da sua formação.

C.G. – Bom, eu sou Licenciada em Educação Física, me formei em 1992. No ano seguinte eu fiz uma Pós-Graduação em Lazer aqui na UFMG¹ também; em 1994 eu fiz o Mestrado em Educação Física que terminei ao final de 1995. Depois eu fiz o Doutorado de 1999 até 2003 e dentro dessa formação eu fiz o Pós-Doutorado nos anos de 2011 e 2012. A minha formação foi toda realizada na UFMG e o Pós-Doutorado foi feito na Universidade Nacional de Cuyo, em Mendoza, na Argentina.

L.A. – Você pode falar um pouco das suas temáticas de pesquisa?

C.G. – Durante minha trajetória na UFMG, no ano que vem eu completo vinte anos de professora efetiva, eu sempre pesquisei o Lazer. Mas, a partir das suas articulações com outros termos, por exemplo, lazer e educação e desdobrando um pouco mais a formação profissional e acadêmica, mas a minha temática principal sempre foi o Lazer. Nos últimos dez anos eu venho pesquisando o Lazer em um contexto latino-americano. Eu fiz também um curso de formação em cinema, então, mais recentemente eu tenho feito estudos, trabalhos, disciplinas relacionando lazer e turismo. Minha pesquisa atual eu faço com apoio do CNPq² e vincula as temáticas de lazer, mulher e cinema.

L.A. – E como começou a sua inserção no PELC³?

C.G. – Começou em 2010 quando o Ministério do Esporte fez um contato conosco para nos responsabilizarmos pela parte de formação do PELC. Eu já conhecia o PELC antes, eu tenho colegas que foram formadores do PELC, mas o meu primeiro envolvimento mesmo se deu nesse momento, então, são cinco anos de 2010 para cá. E a minha contribuição, a

¹ Universidade Federal de Minas Gerais.

² Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

minha participação no PELC se deu principalmente para ajudar a sistematizar, avaliar, acompanhar os processos formativos presenciais.

L.A. – Tu podes falar um pouco mais do processo de constituição em 2010 e da inserção da UFMG no processo e na sua contribuição específica nesse trabalho?

C.G. – A UFMG acabou sendo convidada para dar um suporte acadêmico nessa parte justamente pela tradição que ela tem no que se refere ao Lazer. Nós, por exemplo, temos o Centro de Estudos e Recreação - Celar - que foi constituído em 1990, então, são vinte e cinco anos. Se a gente considerar hoje, de trabalhos, projetos, propostas e ações de ensino, pesquisa e extensão em termos de política editorial também. Além disso, uma outra razão que pesou, eu imagino que tenha pesado, foi o fato de termos constituído aqui na UFMG, inicialmente em 2006, o Mestrado em Lazer que cinco ou seis anos depois passou a constituir um Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer com mestrado e doutorado. Embora esse Programa esteja lotado aqui na Escola de Educação Física da UFMG, o que para nós é muito importante porque pela própria história de envolvimento da Educação Física com as iniciativas ligadas a Recreação e o Lazer, então é importante que a Escola tenha acolhido esse Programa. Ele é um programa interdisciplinar e conta com profissionais e professores com formações diferenciadas. A maioria tem formação em Educação Física, mas temos também vários profissionais com outras formações ligadas às áreas de Ciências Humanas e Sociais. Certamente esse é um ponto que destaca a participação da UFMG como uma instituição importante e qualificada para contribuir com a parte de formação do PELC, tanto é que esse mestrado ainda é o único que tem no Brasil. São cinco na América Latina e é também a universidade que tem o único programa de doutorado nessa área na América Latina e fora daqui só mesmo na América do Norte, na Europa, e em outros países da Oceania.

L.A. – Você poderia falar um pouco da participação do Ministério do Esporte nessa parceria com vocês?

C.G. – É uma parceria muito interessante porque um dos aspectos que confere um sentido ao nosso fazer cotidiano na universidade, é uma interação maior com a comunidade... O

³ Programa Esporte e Lazer da Cidade.

Ministério do Esporte foi uma possibilidade muito rica de nos aproximarmos da comunidade via políticas públicas, que é um aspecto primordial e estamos sempre procurando investir, qualificar e contribuir dentro do que nos cabe, das nossas possibilidades. Essa parceria tem sido muito profícua e por causa disso, porque nós temos saberes e experiências diferentes. O que acontece é uma troca, um compartilhamento e essa aproximação acaba sendo importante tanto para a universidade quanto para o órgão público como Ministério do Esporte. Claro que a nossa preocupação primordial está relacionada com a garantia do direito ao lazer e é isso que nos une, é isso que temos em comum aqui na UFMG, uma preocupação muito forte. Nós vivemos em um país marcado por desigualdades sociais das mais diversas naturezas então ficamos bastante preocupados com isso e a garantia efetiva do PELC, que foi gestado com essa preocupação de possibilitar que o lazer e o esporte chegassem às áreas socialmente mais vulneráveis do nosso país, para que ele pudesse ser vivido como uma prática cotidiana.

L.A. – Qual é a sua função dentro do PELC e que atividades ela demanda?

C.G. – Eu integro a equipe gestora do PELC na UFMG, PELC Vida Saudável que hoje já constitui um programa independente, mas antes era uma das possibilidades do próprio PELC, mas eles estão intimamente articulados. Na equipe gestora a minha função está relacionada com a coordenação da formação. Agora, como a gente tem propostas de Educação à Distância, da formação presencial tendo a interação também, mas enquanto responsabilidade é nesse aspecto que eu estou inserida. Minhas atribuições, como membro da equipe de coordenação da formação do PELC, incide principalmente nos aspectos pedagógicos que estão presentes na formação. Por exemplo, eu estou sempre envolvida com as questões ligadas aos objetivos da formação, da sistematização e isso atualmente são quatro módulos, então, como se dá esse processo? Com quais objetivos? Quais conteúdos também são pertinentes de serem abordados nos quatro módulos. Nós fizemos recentemente uma revisão desses conteúdos e possivelmente esse processo... Possivelmente não, esse processo não terminou, então, a gente continua fazendo isso e eu estou à frente desse processo. Além disso, para levantar maiores fundamentos para a formação eu também estou envolvida com a seleção de materiais didáticos, textuais e audiovisuais que possam enriquecer com a formação dos agentes sociais. Nós temos temáticas novas, por exemplo, e há uma responsabilidade em buscar materiais que sejam

adequados também ao público porque muitas vezes agentes sociais são pessoas da própria comunidade e nem sempre tem uma formação acadêmica. Precisamos pensar em textos e materiais adequados também a esse público, para que, de fato, se consiga qualificar a formação deles, porque eles é que estão na ponta, eles fazem de fato o PELC acontecer. Essa é uma das atribuições que vem sendo assumidas por mim e além dessas uma participação também se refere ao planejamento e a realização dos encontros anuais, dos encontros de formação de formadores. Dou também um suporte aos formadores, articuladores e outros membros da equipe com necessidades de discutir alguma coisa mais ligada a essa dimensão pedagógica da formação.

C.M – Você pode falar mais detalhadamente como se organiza essa formação dos quatro módulos? Você recebe o material dos formadores e devolve para eles com sugestões ou você manda o material com a seleção de materiais, inclusive, se eles vão trabalhar algum texto, vídeo passam por ti?

C.G. – O PELC tem as suas diretrizes que são divulgadas, por exemplo, os editais públicos. Essas diretrizes têm que ser seguidas e as diretrizes atuais definem, estabelecem que a formação seja desenvolvida em quatro módulos, então, tem o módulo introdutório um que prepara o grupo para realmente desenvolver aquele trabalho nos núcleos de esporte recreativo e de lazer. Tem uma introdução e a equipe, normalmente quando ela não se conhece, tem a oportunidade de se conhecer a equipe que vai trabalhar localmente. Esse contato é direto que o grupo tem com o formador e também nesse primeiro módulo esse grupo de agentes sociais e coordenadores, que vão fazer o PELC acontecer, tem acesso a uma série de informações institucionais, políticas, pedagógicas relacionadas ao esporte, criatividade e ao lazer. Esses conteúdos também são sistematizados e definidos pelo próprio Ministério, mas não de uma forma fechada; são vários conteúdos e o formador tem liberdade para escolher entre aquelas possibilidades e entre outras até que não estejam elencadas ali, o que ele considera mais pertinente para fazer aquele trabalho com aquela realidade local. Tem certa flexibilidade também porque o respeito às peculiaridades locais é uma diretriz acolhida pelo PELC. Então, é isso sobre o Módulo Introdutório I; depois tem o Módulo Introdutório II. Muitas vezes a equipe pode sofrer alguma modificação ou algum agente social por alguma razão não vai poder participar, tem que ser substituído. Então é um momento em que é possível retomar os fundamentos que foram trabalhados no

primeiro contato, acrescentar e aprofundar outros considerando os objetivos do PELC para esse momento. Depois são dois módulos avaliativos: tem o Módulo de Avaliação I onde todo mundo se reúne para ver o que está e o que não está dando certo, onde estão as lacunas, o que pode ser feito para melhorar. Esse é um momento muito importante porque de fato o PELC já está implantado, já está em andamento e o grupo avalia como o trabalho está sendo desenvolvido, o que foi possível conseguir e os novos rumos a serem dados para equacionarem as dificuldades e as fragilidades percebidas. Mais para o final tem o último Módulo de Avaliação, o II, porque uma das preocupações do PELC é também que esse tipo de proposta tenha continuidade, mas de uma forma com autonomia, para que as pessoas possam buscar outras formas de mobilização da comunidade, para que elas reivindiquem, por exemplo, do poder público municipal os meios para que o trabalho continue acontecendo. De fato, esse é um grande desafio, mas muitas vezes, é alcançado, e por isso que são interessantes as propostas que se têm. Muitas vezes, querem priorizar entidades que ainda não implantaram PELC. Nos editais públicos, muitas vezes é colocada dessa forma, às vezes é aberto, então é possível ter uma continuidade. Mas para que a autonomia e a autogestão sejam alcançadas é imprescindível que as pessoas estejam mobilizadas e engajadas para continuar trabalhando em prol da garantia do direito ao esporte e lazer sem depender necessariamente do auxílio financeiro concedido pelo Ministério do Esporte.

L.A. – E o que as comunidades tradicionais de povos indígenas e o Vida Saudável demandaram da equipe gestora?

C.G. – Demandou o seguinte: nós somos atualmente três professores responsáveis por esta parte de coordenação da formação e os três estão envolvidos com essas três possibilidades. Mas para uma divisão interna de responsabilidades cada um fica mais responsável por um programa. No meu caso: sou uma pessoa, que digamos, faço um investimento acadêmico maior no programa Vida Saudável que é voltado para idosos acima de sessenta anos, atende esse público específico e tem as suas peculiaridades. Por exemplo, eu estava falando para vocês os módulos introdutórios para dar conta dessas peculiaridades e os conteúdos, sabemos que tem alguns que são similares para todos. Por exemplo, uma discussão sobre as políticas públicas de esporte e lazer no nosso país são importantes para essas três possibilidades, mas no Vida Saudável, por exemplo, tem também um trabalho

para que as pessoas conheçam as políticas específicas para esse público. Então um conhecimento maior sobre o Estatuto do Idoso, sobre a Política Nacional do Idoso, as possibilidades de promoção da saúde que também focam mais esse público que é mais específico para eles, então internamente, fazemos essa divisão, mas só para ter um investimento maior porque está todo mundo envolvido com as três possibilidades.

C.M – Poderia falar um pouco mais das temáticas... Tem alguma temática que é mais trabalhada no Vida Saudável como especificidade e não tanto nos outros?

C.G. – Tem. Por exemplo, algo que é muito comum na velhice está relacionado com as quedas. O idoso perde o seu equilíbrio com mais facilidade, ele tende a cair e isso é muito sério, porque a última coisa que a gente quer é que, por exemplo, o idoso quebre o fêmur e tenha que ficar acamado por vários meses. Então essa, por exemplo, é uma temática que é trabalhada: prevenção de quedas. Os formadores são qualificados e qualificam também os agentes sociais. Outra temática que tem a ver com acessibilidade, uma série de cuidados que é preciso ter com relação ao espaço para que de fato permita o acesso do idoso. Muitas vezes o idoso tem plenas condições físicas e psicológicas de fazer qualquer tipo de proposta que é desenvolvida pelo PELC e que não está relacionada apenas com os exercícios, têm outras oficinas, trabalhos manuais, trabalhos sociais, os eventos em que se aborda uma multiplicidade de interesses culturais relacionados ao lazer. Essas questões precisam ser consideradas, a questão do horário, do local também é importante porque muitas pessoas podem, por exemplo, preferir realizar determinadas oficinas em um horário, mas será que nesse horário é pertinente para aquele público local que está ali? Vai atender os seus interesses ou não? Então é preciso estar atento a isso. As doenças que acometem esse tipo de pessoas, comuns também na velhice, então, aprofundar um pouquinho e conhecer mais sobre isso, qualifica melhor os profissionais para trabalharem com esse grupo. A gente vai um pouco nessa direção tentando mapear os elementos que são importantes para que o trabalho de fato dialogue com as especificidades do grupo e, claro, as realidades são heterogêneas e a gente sabe que têm aspectos em comum, mas têm outros também que são totalmente particulares, então, é preciso também estar atento a essas questões.

L.A. – Existe alguma uma aproximação de vocês com o programa Academia da Saúde e até com outros professores daqui da casa mais ligados ao campo da Fisiologia. Você poderia falar dessas parcerias, dessa aproximação?

C.G. – Então, com esse trabalho eu não estou diretamente envolvida, por isso prefiro deixar que os meus colegas que assumiram esta responsabilidade falem mais sobre isso.

C.M. – Nas formações presenciais vocês têm trabalhado com a questão da saúde pelo próprio nome do programa ser Vida Saudável. Isso tem gerado alguma demanda para os formadores?

C.G. – Tem gerado demandas, muitas, é uma coisa recente, mas principalmente em termos de um conhecimento maior, de conceitos e práticas ligadas à promoção da saúde. Trabalhamos com um grupo de formadores experientes, na sua maioria professores universitários com uma longa trajetória e sabemos que essa perspectiva de formação de todos nós tem que ser continuada e essa têm sido uma questão colocada. Alguns apresentam um pouco mais de dificuldades outros não, outros já têm uma familiaridade um conhecimento maior sobre essa perspectiva, mas o grupo como um todo está envolvido e interessado em aplicar, em ampliar os seus conhecimentos e também em aplicá-los no dia a dia da formação. No próximo mês, em novembro, vamos ter um encontro de formação de formadores e essa será uma das questões colocadas. Nós vamos avaliar onde estão as maiores dificuldades dos formadores com relação aos conteúdos. Muito deles, como eu falei, são novos e foram introduzidos agora no PELC. É impossível dar conta de tantos temas que são muito diversificados. Posso até passar para vocês o que a gente levantou e está em processo, mas para que de fato se consiga fazer um trabalho que dialogue com as questões da área da saúde para o grupo social específico de idosos.

L.A. – E como se dá o processo de avaliação das formações realizadas?

C.G. – Ao final da formação os participantes dão retorno, eles preenchem um questionário ensino-prática... Até tem uma pergunta que eu não respondi, se vocês quiserem depois levar para o lugar certo não tem problema. No início da minha participação no PELC eu recebia as propostas de programação dos módulos. Eu avaliava, observava as

especificidades do grupo que estavam sendo consideradas ou não, se os objetivos estavam claros, coerentes, se os textos escolhidos pelo formador para trabalhar com os conteúdos eram adequados para aquele grupo de agentes sociais, se não era uma leitura muito acadêmica que ia perder a sua riqueza, digamos assim. A partir daí eu fazia uma avaliação de todos esses elementos, além das metodologias que a pessoa escolhia, os filmes que ela separava para ver etc. Tudo isso compõe uma proposta de formação e, a partir daí, eu fazia um diálogo com esse formador. Se estivesse tudo tranquilo, tudo pertinente, ótimo, vamos lá, vamos desenvolver esse módulo. Se fosse percebida alguma dificuldade, por exemplo, uma visita técnica que normalmente é feita nos núcleos se ela não tiver sistematizada e articulada com os objetivos do PELC para que realmente aquela visita fizesse um sentido e fizesse uma diferença nas vidas das pessoas o grupo vai, mas vai observar o quê? O que se espera com essa visita? Então tinha toda uma sistematização e era dado um retorno para o formador ou formadora e se estabelecia um diálogo, uma interlocução. Na medida em que o trabalho e a equipe foram crescendo também foi ampliado esse trabalho, passou a ser feito pelos articuladores regionais. São eles que acompanham o dia-a-dia das programações e dos relatórios, São duas etapas: a primeira é a programação e depois o relatório que o formador elaborava depois do trabalho realizado. Nós fazíamos essa interlocução para ver o que deu certo, o que não deu, o que foi proveitoso, características do grupo e questões das mais diversas era colocado ali. O formador também era encarregado de aplicar os questionários para que os agentes sociais pudessem avaliar os questionários. Eles também eram analisados para que pudéssemos conhecer a percepção dessas pessoas sobre o trabalho realizado. Outra iniciativa está relacionada com as visitas em que são feitas por todas as pessoas ligadas ao grupo da equipe gestora, do Ministério do Esporte aos articuladores. Eles acompanham a formação, vão junto com o formador, conhecem o grupo, vêem como esse andamento está sendo feito. Isso vai também permitir que a avaliação seja feita porque são feitos registros sobre as visitas e esse processo atualmente vem sofrendo mudanças e vem sendo aprimorado. Então tudo isso agora vai ficar registrado nesse sistema como um banco de dados realmente e facilita o acompanhamento e avaliação por parte das pessoas.

L.A. – Acompanhando esses relatórios que informações você obteve e achas mais relevantes para pensar a continuidade do Programa?

C.G. – Bom, uma coisa que eu sempre gostei está relacionado com o potencial que esse tipo de trabalho tem do ponto de vista do esporte recreativo do lazer. Ter a possibilidade de transformação da realidade que é uma coisa que se fala muito, mas às vezes fica no discurso. Quando a gente consegue perceber isso na prática é muito rico, eu até me lembro de um trabalho que acompanhei em Maceió em uma área realmente bastante vulnerável socialmente. Os trabalhos que faziam lá eram fantásticos, com música, percussão, coral, cinema, capoeira e tinha também a dança das oficinas que eu assisti e pude acompanhar. É muito interessante! Quando eu falo desse potencial o que eu quero dizer? Esse trabalho de percussão, por exemplo, era feito com latas porque a liderança comunitária de lá tinha percebido que tinha muito lixo, era tudo colocado ali e tinha muita lata. Então, começou daí, mas ele trabalha com a lata, claro que tem uns tambores também, mas ele trabalhava com a lata para sensibilizar aquele grupo de jovens para essas questões. Isso tem um sentido muito grande! Outro grupo também de lá, trabalhava com canto oral, escolhia as músicas que tinham letras que provocavam reflexões naquele grupo de jovens que estavam com ele. Eram crianças e adolescentes e na verdade o coral era isso. É muito bacana quando você vê pessoas preocupadas, não apenas em ocupar o tempo ou fazer de qualquer jeito ou até trabalhar com esporte nos módulos das escolinhas esportivas. A proposta não é essa. A proposta é que o lazer em cada contexto local que o PELC possa ser desenvolvido realmente dialogue, abra a mente das pessoas para repensar determinados aspectos e quem sabe a partir daí contribuir para que algumas mudanças sejam feitas. Eu falo que quando as pessoas conseguem enxergar essas questões já é um grande avanço porque é assim que a gente vai caminhando.

C.M. – Você chegou a fazer visitas em núcleos?

C.G. – Fiz esse, por exemplo, foi um que eu fiz.

C.M. – Desses núcleos você vê reflexo da formação dos formadores, da formação com os formadores desses módulos da EAD⁴ lá no núcleo?

C.G. – Da EAD ainda não porque está recente. Vamos agora tentar trabalhar com material didático que foi produzido para os cursos à distância nas formações presenciais porque são

materiais que tratam de temáticas 100% pertinentes ao PELC, em uma linguagem clara, acessível. Entendemos que isso vai qualificar as formações presenciais também esse material. Que mais você me perguntou?

C.M. – Se a formação tem reflexo lá na ponta, no núcleo?

C.G. – Eu consigo ver, claro que não o tempo inteiro. Têm lugares que, por exemplo, reproduzem a lógica das escolinhas de esporte e dentro dessa lógica, muitas vezes, as meninas e as mulheres ficam excluídas. Se a gente pensar, como eu já constatei também, em determinados horários na parte da manhã eu chegava ao núcleo e só tinham meninos, porque, provavelmente, as meninas estavam cuidando da casa, dos irmãos menores, assumindo essa responsabilidade. Isso é só um exemplo que eu estou dando para dizer que o PELC não estava alcançando o seu objetivo porque se ele é para garantir o direito de todos e ali naquele horário, naquela comunidade um público alvo eram realmente as crianças e adolescentes, as meninas estavam fora dessa possibilidade. Muitas vezes, pelo tipo de atividade escolhida, a gente sabe que muita menina gosta de futebol, mas às vezes não são todas, tem outra possibilidade que seja de interesse das meninas também então se elas não podem nesse horário, elas não estão comparecendo. Por que não estão comparecendo? Uma outra questão também, o PELC tem o compromisso de envolver pessoas com deficiências, essas pessoas estão participando, elas estão sendo incluídas também a partir dessa possibilidade? Se não estão, por que? A meta tem que ser alcançada, então se é para todos e nós temos que acompanhar justamente para garantir isso.

L.A. – Você indicou algumas coisas e eu fiquei aqui pensando... Quais são os principais desafios para a formação que você identifica?

C.G. – Bom, eu acho que os principais desafios estão realmente ligados a que essa proposta faça a diferença. Ela tem que realmente acrescentar naquele contexto local, não pode ser só para quebrar o galho, preencher um tempo ocioso, se ocupar ou para oferecer atividades para as pessoas sem nenhum custo para os participantes. A gente sabe que isso é financiado por recurso público para ser visto como uma possibilidade mais barata ou sem custo nenhum, e não é isso. Tem um desafio aqui político, social e a diferença tem que ser

⁴ Ensino à Distância.

feita a partir dessa perspectiva, numa mudança cultural efetiva. Compreender mesmo as possibilidades de vivência do lazer que são inúmeras, diversificar essa possibilidade de vivência, permitir que isso potencialize as características locais. Então tem que ter um diálogo com a cultura local e outra coisa é instrumentalizar as pessoas para que elas compreendam a sua realidade. Estou falando sua realidade em termos do direito ao esporte, ao lazer, mas que instrumentalize as pessoas para que elas compreendam que o poder público deve fazer isso, deve oferecer isso a elas. E tem uma diferença aí, tem uma desigualdade na apropriação desse direito que é um direito social. As pessoas precisam compreender isso e pensar em alternativas para que a sua realidade possa realmente ser transformada, senão acaba caindo em uma prática assistencialista. Eu vejo esse como um grande desafio, ampliar a percepção das pessoas para essas possibilidades, porque esporte e lazer são temáticas muito importantes. É um campo da vida, mas esse campo dialoga com vários outros, reproduzem os mesmos aspectos mais amplos que incidem sobre a educação, a saúde, o transporte, moradia e segurança esse conjunto de outros direitos sociais que a gente tem. O lazer é parte desse processo e as pessoas precisam despertar para uma cidadania plena relacionada com a possibilidade de vivenciar, de ter garantidos todos os seus direitos e não apenas um deles como se uns fossem mais importantes do que os outros e para formação eu vejo que isso é um grande desafio.

L.A. – Chris tem alguma coisa que você gostaria de registrar?

C.G. – Não, depois se vocês quiserem ter acesso a esse trabalho que estamos fazendo atualmente de sistematização dos conteúdos e tudo eu coloco a disposição.

L.A. – Muito obrigada pela disponibilidade.

[FINAL DA ENTREVISTA]